

CRER PARA COMPREENDER

Teologia e cultura

Teologia Sistemática · Capítulo 4 · Parte 1: Prolegômenos

D. G. DE SOUZA

TS-S01-004

4.1

O que É Cultura?

No capítulo anterior vimos as grandes partes da doutrina cristã e a ordem em que este livro vai estudá-las. Mas essa doutrina é sempre pensada, ensinada e vivida dentro de uma cultura. Como a Igreja pode falar a língua de cada povo e de cada época sem perder a verdade que recebeu?

Cultura e Culto

A palavra "cultura" vem do verbo latino *colere*, que queria dizer cultivar a terra, habitar um lugar, cuidar de alguma coisa e também prestar culto aos deuses. Do mesmo verbo vêm *cultura*, o cultivo, e *cultus*, o culto. A origem da palavra já diz muito. O cultivo do mundo e a adoração andam juntos, e no centro de toda cultura está aquilo que um povo considera digno de honra.

Em sentido amplo, chamamos de cultura o conjunto de língua, costumes, instituições, técnicas, artes, valores e crenças com que um povo cultiva o mundo, organiza a vida comum e interpreta a existência. Nós a recebemos antes de pensar sobre ela, como recebemos a língua materna, e é com os olhos dela que lemos a Bíblia pela primeira vez.

Ninguém faz teologia fora de uma cultura. Paulo escrevia em grego e citava poetas gregos, Lutero escrevia para camponeses alemães, e nós lemos a Bíblia em português, como brasileiros do século 21. A pergunta, portanto, não é se a fé deve ter relação com a cultura, mas que relação deve ter, e quem julga quem.

O "Mundo" na Escritura

A Bíblia não usa a palavra "cultura", mas fala muito do "mundo", em grego *kosmos*. A palavra tem pelo menos três sentidos, e precisamos distingui-los.

A Criação

Em primeiro lugar, o mundo é a criação ordenada, feita por Deus por meio da sua Palavra. João diz do Verbo: "No mundo estava, e por ele foi feito o mundo" (João 1:10). E Paulo anunciou em Atenas "O Deus que fez o mundo, e todas as coisas que nele há" (Atos 17:24).

A Humanidade

Em segundo lugar, o mundo é a humanidade que Deus ama: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

A Ordem Rebelde

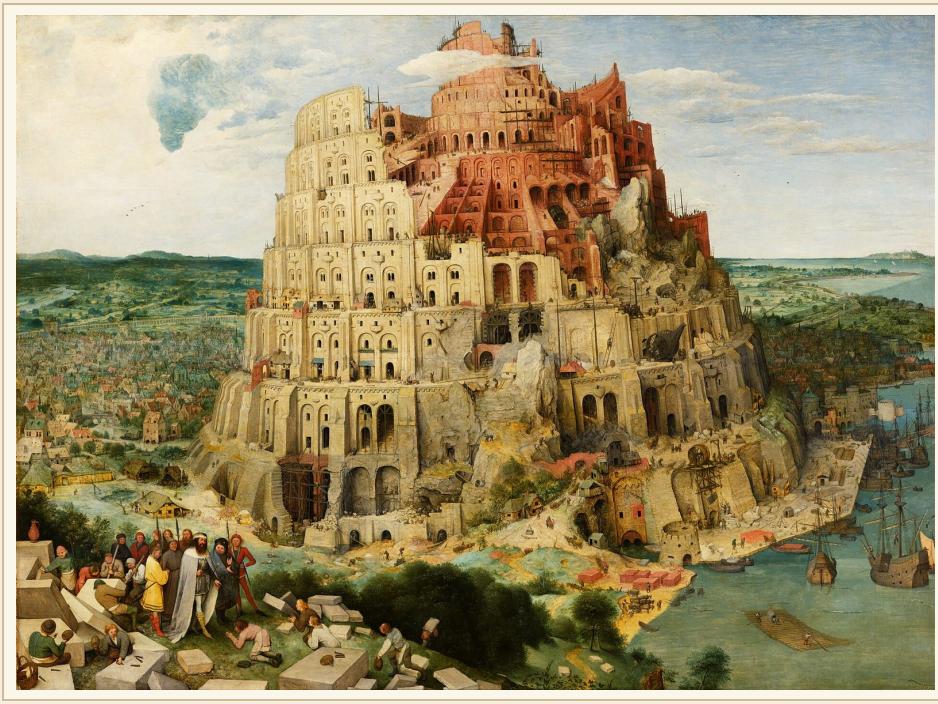
Em terceiro lugar, o mundo é a humanidade organizada contra Deus, com os seus valores, os seus desejos e o seu orgulho: "Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 João 2:15). Paulo usa no mesmo sentido a palavra *aiōn*, "era": "E não vos conformeis com a presente era; mas transformai-vos pela renovação da vossa mentalidade" (Romanos 12:2).

A distinção evita dois erros. Quem lê "mundo" só no terceiro sentido condena toda cultura e esquece que Deus fez as coisas boas e ama os povos. Quem lê só nos dois primeiros esquece que as culturas também organizam a rebelião contra Deus. A cultura humana é as três coisas ao mesmo tempo: obra de criaturas de Deus, expressão de pessoas que ele ama e campo onde o pecado se organiza.

Criação, Queda e Redenção

A primeira palavra de Deus ao ser humano é uma bênção que inclui uma tarefa: "Frutificai e multiplicai, e enchei a terra, e subjugai-a" (Gênesis 1:28). Muitos teólogos chamam essa ordem de "mandato cultural". No jardim, o Senhor pôs o homem "para que o lavrasse e o guardasse" (Gênesis 2:15). O verbo hebraico traduzido por "lavrar" é *ʿabad*, que também quer dizer "servir" e, em muitos textos, "prestar culto". Como no latim *colere*, o trabalho e a adoração se tocam. A cultura nasce como vocação dada por Deus.

A queda não aboliu essa vocação, mas a corrompeu. É na linhagem de Caim que aparecem a primeira cidade, a música e o trabalho com metais (Gênesis 4:17-22), e no mesmo capítulo Lameque compõe um canto para celebrar a sua vingança (Gênesis 4:23-24). Em Babel, a técnica e a língua comum servem ao orgulho: "Vamos, edifiquemo-nos uma cidade e uma torre, cuja ponta chegue ao céu; e façamo-nos um nome" (Gênesis 11:4). As mesmas capacidades que Deus deu para cultivar o mundo passaram a ser usadas contra ele.



A torre de Babel como Pieter Bruegel a imaginou: a técnica e o trabalho humano postos a serviço do orgulho, para que os construtores fizessem para si um nome, como diz Gênesis 11:4.

Pieter Bruegel, o Velho, *A torre de Babel*, 1563, Kunsthistorisches Museum, Viena (domínio público)

Mas a cultura também está no horizonte da redenção. No fim da Bíblia, João vê diante do trono "uma grande multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas" (Apocalipse 7:9), e diz da nova Jerusalém: "E a ela serão trazidas a glória e a honra das nações" (Apocalipse 21:26). As nações não desaparecem na consumação. O que nelas é pecado será julgado, e o que nelas é glória será trazido para dentro da cidade de Deus.

A cultura é boa pela criação, corrompida pela queda e destinada à redenção, e essas três afirmações precisam ficar juntas. Quem esquece a primeira despreza o mundo que Deus fez, quem esquece a segunda se torna ingênuo diante dele, e quem esquece a terceira perde a esperança.

4.2

Deus Fala a Nossa Língua

A Acomodação

Antes de perguntarmos como a Igreja deve falar à cultura, convém notar que o próprio Deus, ao se revelar, falou em línguas humanas. O Novo Testamento foi escrito no grego comum das ruas e dos mercados, e não no grego refinado dos filósofos. Deus falou por meio de pastores, reis e pescadores, e usou as imagens que eles conheciam: as ovelhas, a videira, o casamento, a moeda, o semeador.

Os teólogos chamam isso de acomodação. Deus é infinito, e nós somos criaturas limitadas e, além disso, pecadoras. Se ele falasse conosco na medida da sua majestade, não entenderíamos nada. Por isso ele desce até nós. Calvino comparou a linguagem bíblica que atribui a Deus olhos, mãos e boca ao modo como as amas falam com as crianças pequenas: Deus balbucia conosco e acomoda o conhecimento de si mesmo à nossa pequena capacidade (*Institutas*, I.13.1). Armínio disse coisa parecida ao tratar do objeto da teologia:

> *"Não podemos receber este objeto, no infinito de sua natureza; a nossa necessidade, portanto, exige que ele seja proposto de uma maneira que se ajuste à nossa capacidade."*
>
> Jacó Armínio, *O objeto da teologia*, em *As obras de Armínio*, vol. 1, Oração II

Acomodação, nesse sentido, nada tem a ver com erro. Deus não se adaptou às ideias falsas dos seus ouvintes. Ele disse a verdade numa forma que criaturas humanas podem receber. Esse é o primeiro modelo de toda contextualização. Se o próprio Deus falou a nossa língua, a Igreja não pode anunciar a sua Palavra numa língua que ninguém entende.

A Palavra se Fez Carne

O passo mais alto da acomodação é a encarnação: "E aquela Palavra se fez carne, e habitou entre nós; (e vimos sua glória, como glória do unigênito do Pai) cheio de graça e de verdade" (João 1:14). O verbo grego traduzido por "habitou" é *skēnoō*, "armar a tenda", e lembra o tabernáculo no deserto. O Filho eterno nasceu judeu, cresceu numa aldeia da Galileia, falou aramaico, guardou as festas do seu povo e ensinou com parábolas tiradas da vida do campo e da pesca.

Ao mesmo tempo, Jesus confrontou a cultura religiosa do seu povo quando ela se punha acima da Palavra de Deus. Aos fariseus que exigiam a lavagem ritual das mãos, ele disse: "Vós deixais o mandamento de Deus, e mantendes a tradição humana" (Marcos 7:8). Ele assumiu uma cultura sem assumir o seu pecado. Por isso a encarnação é ao mesmo tempo o modelo e o limite da relação da Igreja com a cultura. Devemos entrar na vida do nosso povo como Cristo entrou na vida do seu, e devemos recusar o que nela contradiz a vontade de Deus, como ele recusou.

Na oração da última noite, Jesus pediu pelos discípulos:



Não suplico que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Santifica-os em tua verdade; tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste, eu os enviei ao mundo.

JOÃO 17:15-18

Os discípulos não são tirados do mundo nem pertencem a ele. São santificados pela verdade e enviados ao mundo. Essa é a posição da Igreja diante de toda cultura.

Pentecostes



O Espírito desce sobre os discípulos no dia de Pentecostes. Em Babel as línguas dispersaram os orgulhosos; aqui cada povo ouve o evangelho na sua própria língua.

Juan Bautista Maíno, *Pentecostes*, detalhe, c. 1615–1620, Museo del Prado, Madri (domínio público)

No dia de Pentecostes, os que estavam em Jerusalém, vindos de muitas terras, perguntavam espantados: "E como nós ouvimos cada um deles em nossa própria língua, na qual nascemos?" (Atos 2:8). Em Babel, Deus confundiu as línguas para dispersar os orgulhosos. No Pentecostes, o Espírito não aboliu as línguas nem impôs uma só a todos, mas fez cada um ouvir o evangelho na língua em que nasceu. Desde o começo, a Igreja foi chamada a ser uma só em Cristo e variada nas línguas e nos costumes.

4.3

A Contextualização na Escritura

Daniel na Babilônia

O Antigo Testamento já mostra o povo de Deus vivendo no meio de uma cultura estranha. Aos exilados levados para a Babilônia, Jeremias escreveu: "E buscai a paz da cidade para onde eu vos levei, e orai por ela ao SENHOR; porque na paz dela vós tereis paz" (Jeremias 29:7). Os israelitas deviam trabalhar e orar pelo bem da cidade pagã.

Daniel é o melhor exemplo. Ele aprendeu "as letras e a língua dos caldeus" (Daniel 1:4), recebeu um nome babilônico e serviu na corte por toda a vida. Mas "Daniel propôs em seu coração de não se contaminar com a porção diária de alimento da comida do rei" (Daniel 1:8). Anos depois, quando uma lei proibiu a oração, ele continuou a orar com as janelas abertas para Jerusalém (Daniel 6:10). Daniel aceitou a escola, a língua e o nome. Recusou a mesa e a proibição de orar. A fronteira passava pelo ponto em que a obediência a Deus estava em jogo.

Tudo para Todos

O texto mais claro do Novo Testamento sobre o assunto está em 1 Coríntios:



Porque, estando eu livre de todos, me fiz servo de todos, para ganhar ainda mais. E me fiz como judeu para os judeus, para ganhar aos judeus; como que estivesse debaixo da Lei, ainda que eu mesmo não esteja debaixo da Lei para os que estão debaixo da Lei, para ganhar aos que estão debaixo da Lei. Aos que estão sem Lei, como se estivesse sem Lei (porém não estando sem Lei para com Deus; mas para com Cristo debaixo da Lei), para ganhar os que estão sem Lei. Me fiz de fraco para os fracos, para ganhar aos fracos; tudo me fiz para todos, para por todos os meios vir a salvar a alguns. E isto eu faço por causa do Evangelho, para que eu também dele seja participante.

1 CORÍNTIOS 9:19-23

Paulo mudava os seus costumes conforme o povo a quem pregava. Mas há um limite que ele mesmo marca entre parênteses: ele nunca estava "sem Lei para com Deus", e sim "para com Cristo debaixo da Lei". Paulo se adaptava em tudo o que era indiferente, e em nada que fosse pecado. E o motivo da adaptação era o evangelho, e não o desejo de agradar.

Paulo em Atenas

Em Atenas, vemos como isso funcionava na prática. Paulo ficou incomodado "ao ver a cidade tão dedicada à idolatria" (Atos 17:16). Mas, quando falou no Areópago, começou por aquilo que os atenienses conheciam: um altar que tinha visto na cidade, dedicado "AO DEUS DESCONHECIDO" (Atos 17:23). Depois falou do Deus que fez o mundo e citou os poetas gregos: "Porque nele vivemos, e nos movemos, e somos; assim como também alguns de vossos poetas disseram; porque também nós somos descendência dele" (Atos 17:28). Paulo

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO TS-S01-004

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Teologia e cultura*. O fascículo inteiro tem 37 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender